

ESTUDO DE UM CASO DE AFASIA A PARTIR DA OBRA A INTERPRETAÇÃO DAS AFASIAS, DE SIGMUND FREUD

Lara Medeiros Borges PEREIRA¹.

RESUMO: Este artigo visa a apontar considerações iniciais acerca de um estudo de caso de afasia, cujo embasamento teórico se dá principalmente através da obra “A Interpretação das Afasias”, de Sigmund Freud. Nessa investigação propõe-se não apenas retomar as idéias de Freud como neurologista, como também buscar elementos presentes nessa obra, uma de suas principais publicações pré-psicanalíticas, que já indicariam alguns pressupostos de sua futura teoria. Considerando que o campo das neurociências é composto por diversas disciplinas que tentam dar conta dos complexos fenômenos que envolvem o cérebro e seu funcionamento, tais como a Neurolinguística, não se pode deixar de enfatizar a importância da psicanálise na compreensão de distúrbios de linguagem provenientes de danos cerebrais.

Palavras-chave: Afasias; Freud; Neurolinguística; Psicanálise.

ABSTRACT: This article aims to point out initial considerations about a case study of aphasia, whose theoretical basis is mainly given by the work "The Interpretation of Aphasia," of Sigmund Freud. This research aims to not only incorporate the ideas of Freud as a neurologist, but also to search elements present in this work -one of his main pre-psychoanalytic publications- that have already indicated some assumptions of his future theory. Whereas the field of neuroscience is composed of various disciplines that attempt to account for complex phenomena that involve the brain and its functioning, such as neurolinguistics, one can not fail to emphasize the importance of psychoanalysis in the understanding of language disorders incurring from brain damage.

Key-words: Aphasia; Freud; Neurolinguistics; Psychoanalysis.

O objetivo de minha dissertação de mestrado é a realização de um estudo de caso de um sujeito afásico a partir dos estudos de Sigmund Freud a respeito das afasias. Faz-se necessário esclarecer que Freud, amplamente reconhecido como o pai da Psicanálise, fora também um grande neurologista, sendo que tal formação acadêmica e as experiências práticas adquiridas através dela lhe forneceram muitas das bases para o desenvolvimento de sua teoria psicanalítica, sobretudo no que concerne aos atos falhos, lapsos, sonhos e chistes.

O campo das neurociências é composto por diversas disciplinas que tentam dar conta dos complexos fenômenos biológicos, psicológicos e também sócio-culturais acerca do cérebro e seu funcionamento, dentre as quais se destacam a psicanálise, a neurologia, a filosofia, a psicologia, a psiquiatria, bem como os estudos relacionados à linguagem, abordados no âmbito da Neurolinguística, especialmente a de tradição discursiva. Portanto, para a compreensão de um distúrbio de linguagem decorrente de um trauma, não se podem

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da professora Dra. Maria Irma Hadler Coudry e com o apoio da agência financiadora CAPES.

eliminar os conceitos e categorias psicológicos, psicanalíticos, psicopatológicos e sócio-culturais, mas sim, estabelecer relações entre eles e o funcionamento do sistema neuronal.

Dentre as diversas temáticas abordadas no campo da Neurolinguística Discursiva (abreviada como ND), merece relevância o estudo da relação entre o cérebro e a mente e os processos psicológicos básicos e patológicos, como por exemplo, aqueles causados por lesões cerebrais, traumatismos crânio-encefálicos ou doenças neurodegenerativas e o seu impacto na linguagem. Para tanto, muitas vezes são utilizados conceitos advindos da psicologia e da psicanálise, tais como os de sujeito, emoção, cognição, pensamento, percepção, consciência, inconsciente, memória, entre outros. Tendo vista a complexidade dos objetos de investigação recobertos pelas neurociências, os cientistas foram recorrendo paulatinamente às ciências humanas no intuito de obter subsídios para o estudo das inter-relações entre dados do comportamento manifesto e estados cerebrais, bem como entre dados relacionados a estados mentais e sua relação com estados cerebrais. Deste modo, passa a ocorrer uma assimilação do léxico e de alguns conceitos da própria psicanálise, teoria que assinala que o sujeito não é uno, e sim dividido, já que é dotado de uma mente regida por conflitos entre o domínio consciente e o inconsciente. Este fato, bem como a possibilidade de aproximação – muitas vezes considerada improvável - entre este campo e o das neurociências, de modo geral, apontam, na realidade, para um parentesco ancestral, o qual a clínica, neurológica ou psicológica, revelou explicitamente, como se pode observar ao longo da obra de Freud.

Como afirma Ferenczi² no capítulo dedicado à formação psicanalítica em suas obras completas,

Sabemos que o extraordinário progresso da biologia acarretou uma desvalorização de tudo o que é psíquico; no plano científico, um dos principais méritos de Freud é o de se ter corajosamente oposto aos excessos dos fanáticos da objetividade, e o de ter levado em conta a realidade psíquica simultaneamente com a realidade física. (Ferenczi, 1992, p. 210)

Sendo assim, a Psicanálise não pode se situar à margem do debate contemporâneo que envolve teorias sobre a relação entre cérebro, mente e linguagem. O próprio Freud não se furtou do tema e, mais do que isso, sempre esteve a par do pensamento científico de sua época, deixando-se influenciar por essas idéias. É importante ressaltar que o psicanalista formou-se na escola alemã, tendo sido aluno de Brücke³, Meynert⁴ e, posteriormente, de

² Sándor Ferenczi, psicanalista húngaro, especialista em neurologia e neuropatologia, que veio depois a estudar a hipnose e se tornou um grande colaborador de Freud.

³ Ernst Brücke, médico berlinense, um dos principais representantes da corrente fisiológica antivitalista, que procurava reduzir os fenômenos da vida e da psicologia a leis físico-químicas. Freud trabalhou de 1876 a 1882

Brentano⁵ e que, depois, passou pela escola francesa, impressionando-se grandemente com Charcot e os casos de histeria em Salpêtrière⁶. Basicamente, Freud acreditava que as variações nas faculdades psicológicas eram regidas por leis de funcionamento próprias, e não pelas leis da anatomia cerebral, sendo que as síndromes psicológicas deveriam ser descritas e explicadas em seus próprios termos psicológicos. Ele acreditava, ainda, que as faculdades psicológicas não eram destruídas por lesões localizadas do cérebro, mas sim distorcidas e modificadas dinamicamente, revelando sua conexão com outras faculdades.

A partir desta perspectiva, o psíquico seria o produto de sistemas funcionais dinâmicos capazes de se organizarem e se adaptarem a contextos variáveis, devendo, portanto, ser concebido como algo distribuído entre os elementos estáticos do sistema nervoso, não podendo ser localizado em regiões anatômicas restritas. Com isso, Freud aderiu a uma linhagem de estudos neurológicos diversa daquela na qual fora formado, sendo que tal posicionamento lhe permitiu conceber a Psicanálise.

Ao iniciar-se nos estudos das afasias, a partir da década de 1880, Freud recorreu a Hughlings Jackson⁷ e ao seu modelo de aparato mental. Este estaria subdividido em níveis funcionais, ou seja, apresentaria uma hierarquia de funções estabelecidas a partir da evolução da espécie humana. Com base em seu modelo, Jackson também criou o conceito de dissolução, segundo o qual, em condições patológicas, funções tais como a da linguagem regressariam para níveis hierarquicamente inferiores, menos voluntários e mais organizados. Suas premissas eram que, apesar dos eventos mentais não ocorrerem na ausência de eventos cerebrais paralelos, a relação entre estas duas séries de eventos não é causal, e que o físico e o psíquico são processos que devem ser concebidos separadamente, como concomitantes.

Com relação às afasias, por exemplo, Jackson acreditava serem transtornos de linguagem, e não apenas de fala, relacionados a um déficit intelectual mais difuso, já que elas

no Instituto de Fisiologia de Brücke sobre a histologia do sistema nervoso dos peixes, o que lhe permitiu, em 1885, ser nomeado Privat Dozent de neuropatologia.

⁴ Theodor Meynert, médico vienense, um dos maiores representantes da psiquiatria organicista e associacionista, para a qual todo fato anatômico era apenas a expressão palpável de um processo psicológico. Em 1883, Freud se ligou ao serviço hospitalar de Meynert, em cujo laboratório trabalhou até 1886. Posteriormente, a oposição doutrinária provocou uma ruptura total entre ambos.

⁵ Franz Brentano, filósofo alemão e professor da Universidade de Viena, fundador do intencionalismo, vertente que se ocupa dos processos mentais mais que com o conteúdo da mente, e da psicologia atualmente chamada de psicologia existencial. Foi professor de Freud, o qual foi muito influenciado por suas idéias, sobretudo pelas que enfatizavam um equacionamento entre o físico e o psíquico, que gera o psicossomático.

⁶ Hospital parisiense destinado ao tratamento de mulheres. Contou com o trabalho de Jean-Martin Charcot, pai da neurologia moderna, que também lecionava no hospital e chegou a ser professor de Freud. Foi o emprego da hipnose feito por Charcot, na tentativa de descobrir a origem orgânica da histeria, que estimulou o interesse de Freud pela origem psicológica das neuroses.

⁷ John Hughlings Jackson, neurologista britânico, um dos fundadores da neurologia moderna, que despertou o interesse de Freud sobretudo por seu estudo das afasias.

incluem muitas vezes a incapacidade de formular frases, e não somente de lembrar palavras. Ele ainda propunha que os aspectos físico e psíquico da afasia fossem considerados separadamente, concebendo, de um lado, a linguagem e a fala e, de outro, sua base física. Sua hipótese teórica geral era que, para compreender o aspecto psicológico da afasia, é preciso atentar para a sintomatologia positiva e negativa. Isso significa que o que o paciente consegue falar é tão importante quanto o que ele não consegue. Em outros termos, trata-se sempre da observação das relações dinâmicas entre as funções comprometidas e as funções intactas da linguagem.

Freud considerava parte da explicação de Wernicke⁸, que contradizia a hipótese da época segundo a qual se poderiam localizar conceitos psíquicos complexos na região encefálica, uma vez que o último postulava a possibilidade de somente poder fazê-lo quanto aos elementos psíquicos mais simples. Entretanto, o jovem neurologista não concordava totalmente com essa formulação e afirmava que se incorre no mesmo erro de princípio tanto quando se procura a localização encefálica de um conceito complexo tanto quando se procura localizar um elemento psíquico simples.

Mas, no fundo, não se incorrerá no mesmo erro de princípio quer quando se procura localizar um conceito complexo ou toda uma atividade psíquica, quer quando se procura localizar um elemento psíquico? (Freud, 1977, p.30)

Deste modo, ele reitera que essas modificações devem ser buscadas independentemente do seu correspondente psicológico, introduzindo o conceito de “concomitante dependente”, segundo o qual o psíquico é um processo paralelo ao fisiológico e que, portanto, não há relação de causalidade entre os dois, dado que o fisiológico não é causa para um efeito psíquico.

Verossimilmente, a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não está em relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não cessam mal se iniciam os psíquicos, pelo contrário, a cadeia fisiológica prossegue, só que, a partir de um certo momento, a cada seu elemento (ou a cada um dos elementos isoladamente) corresponde um fenômeno psíquico. O psíquico é assim um processo paralelo ao fisiológico ("*a dependent concomitant*"). (Freud, 1977, p.30)

⁸ Karl Wernicke, psiquiatra e neuropatologista alemão, pesquisou os efeitos de traumatismos cranianos na linguagem. Descobriu que lesões na região posterior esquerda do giro temporal superior causavam déficits na compreensão da linguagem. Esta região é hoje chamada de área de Wernicke e a síndrome associada é denominada afasia de Wernicke.

O neurologista desconsiderava qualquer hipótese que concebesse a idéia de representações dentro das células nervosas, visto que as modificações fisiológicas do sistema nervoso deveriam ser determinadas independentemente do seu correspondente psicológico. Ele estava interessado em investigar em que medida o estudo das perturbações da linguagem poderia ajudar a reconstruir o modo de funcionamento e as características do aparelho de linguagem. A partir de então, Freud inicia uma explanação acerca de quais seriam os componentes e como funcionaria tal aparelho, afirmando que, para a psicologia, a unidade da função de linguagem é a palavra, entendida como uma complexa representação composta de elementos acústicos, visuais e cinestésicos. Ele explica ainda que as lesões no aparelho da linguagem são advindas de uma desordem de seus elementos. Os quatro componentes de representação da palavra seriam a imagem acústica, a imagem visual de uma letra, a imagem motora da linguagem e a imagem motora da escrita.

Posteriormente, o neurologista relata como se dá cada um dos processos de linguagem, por exemplo, como se aprende a falar, como se aprende uma língua estrangeira, como se aprende a soletrar, ler e escrever.

Com base em sua tese de que a representação da palavra está ligada à representação do objeto com sua terminação sensorial, Freud lança a hipótese de dois grupos de afasias:

1. Afasias de primeira ordem: seriam uma espécie de afasia verbal em que são perturbadas apenas as associações entre cada um dos elementos da representação da palavra.
2. Afasias de segunda ordem: uma afasia (a) simbólica em que é perturbada a associação entre a representação da palavra e a representação do objeto.

Ele apresenta, ainda, um terceiro tipo de afasia, as afasias de terceira ordem ou agnósicas, que seriam perturbações no reconhecimento de objetos.

A partir de suas observações e estudos, Freud constatou que muitos sintomas das afasias pareciam compartilhar associações de caráter psicológico mais do que de caráter fisiológico. Isso significa que as parafasias, ao invés de serem “erros” verbais decorrentes de associações de palavras de sons ou significados semelhantes que tendem a substituir a palavra correta, poderiam ter, algumas vezes, uma natureza mais complexa, com a palavra substituída surgindo de alguma associação particular que foi esquecida no passado do sujeito. Desta forma, se se deseja entender as parafasias, deve-se olhar não apenas para a anatomia ou fisiologia do cérebro, mas também para a natureza das palavras e suas associações formais e pessoais, para os universos da linguagem e da psicologia, o universo do sentido.

É evidente que a clínica e a pesquisa envolvendo pacientes neurológicos não é nova, embora tenha sido, até recentemente, domínio praticamente exclusivo da neurologia clínica, que se ocupava com a observação de que o cérebro humano, como qualquer outro órgão, está sujeito a patologias específicas acompanhadas de variações importantes do funcionamento mental. A principal função da neurologia era reconhecer a natureza e a localização de doenças do sistema nervoso, invisíveis externamente, a partir dos sintomas e sinais externos. Para tanto, utilizava-se o método anátomo-clínico, cujo objetivo era a descrição das apresentações clínicas típicas de doenças específicas que afetavam determinadas partes do sistema nervoso. Tal método se apoiava nas constatações de que a doença neurológica modifica o psiquismo do paciente, concebendo a mente humana como uma instância relacionada aos tecidos cerebrais ou, em outros termos, que danos a diferentes regiões do cérebro produzem diferentes modificações mentais.

Para Jackson, o fato de que os processos mentais e neurológicos devam ser descritos separadamente não significa que o esforço em correlacioná-los seja impossível. Pelo contrário, a correlação é uma fase importante da investigação, posterior à fase da descrição e explicação dos processos psicológicos e neurológicos em termos próprios. Logicamente, correlacionar não equivale necessariamente a estabelecer relações diretas de causa e efeito, mas, sim, observar a concomitância e a simultaneidade dos processos em jogo, considerando sua interdependência mútua, visto que não há mente sem cérebro e, por outro lado, que um cérebro pressupõe necessariamente a emergência de processos mentais de complexidade variada.

Torna-se uma busca extremamente interessante tentar entender o neuronal a partir de categorias tais como racionalidade, consciência, inconsciência, emoções, valores e outros. Não se pode, tampouco, abandonar o conceito de plasticidade neuronal que, frente às experiências vividas pelo organismo, viabiliza a produção de estruturas neuronais sempre individuais e singulares. Além disso, quanto mais complexa e diferenciada for a experiência de vida do sujeito, mais complexa e rica será a sua configuração cerebral e, portanto, mais resistente à deterioração. É válido ressaltar que, no caso dos seres humanos, a existência da linguagem e a complexidade da experiência social são causa e conseqüência da maior plasticidade cerebral, provocando no sistema cerebral modificações em cascata.

Procurando sempre uma aproximação entre a normalidade e a patologia, em *A Interpretação das Afasias* Freud procura explicitar como que muitas das alterações de linguagem presentes nos sujeitos afásicos também são encontradas em sujeitos normais, sendo que um dos principais fatores de diferenciação entre os dois estados seria a frequência em que

tais alterações são produzidas em um ou no outro. Nesta obra, que consiste em sua tese de doutorado, finalizada em 1892, o então neurologista já trazia alguns dos conceitos que futuramente se tornariam pressupostos básicos da psicanálise, como a relevância das associações para a constituição, organização e recuperação da linguagem dos sujeitos, bem como a importância dos atos falhos e lapsos de linguagem na compreensão da psique.

Considera-se, assim, que um estudo abrangente acerca das alterações de linguagem advindas de traumatismos deverá ter como ponto de partida o fato de que a mente existe em seres humanos que habitam um mundo. Os aspectos biológicos não são, portanto, acessórios, pois são fundamentais para se entender tais sistemas vivos. O conhecimento dos detalhes anátomo-fisiológicos e do desenvolvimento do sistema nervoso é fundamental, bem como a inclusão dos aspectos comumente definidos como a vida mental e a vida social dos seres vivos: sensações, percepções, sentimentos, impulsos, interação e, nos seres humanos, a linguagem e a consciência de si. Um estudo complexo de tais aspectos da mente deve procurar dar conta dessas características, incluindo-as no contexto mais amplo das complexas relações entre os seres vivos e o meio ambiente.

Desenvolvendo tal concepção, pode-se afirmar que a experiência social é indissociável da arquitetura cerebral existente nos humanos. Os seres humanos são humanos porque são constituídos assim, seres de linguagem e de cultura, no decorrer da evolução da espécie. Portanto, para um estudo e compreensão mais abrangentes acerca dos fenômenos da mente e do entendimento da subjetividade, é necessário conceber a mente como algo além da consciência e parte integrante da biologia, ou seja, do organismo, considerando-a como resultante do processo evolutivo da espécie humana. Deste modo, não se pode cair em um reducionismo que afirme ser possível conhecer uma pessoa, ou explicá-la, apenas em termos moleculares, fisiológicos ou quânticos, sem incluir os seus aspectos sociais e interacionais.

Tendo em vista essa teorização, seria importante estabelecer uma relação entre a psicanálise e a ND. São exemplos desse *exercício*, a compatibilidade entre conceitos como o de cisão do sujeito, consciência, subjetividade/identidade e memória. Na literatura que recobre estudos sobre a relação entre cérebro, mente e linguagem há bastante referência a conceitos originados da psicanálise, dada a relevância desses para o entendimento da problemática das subjetividades socialmente instituídas. Deste modo, se considerarmos a ciência como uma forma de cultura produzida dentro de uma forma de vida, torna-se crucial localizar as relações entre a psicanálise, que se propõe a estudar o ser humano em sua especificidade e singularidade, e as outras ciências, ditas naturais, que atualmente também se propõem a isso.

Do ponto de vista teórico, a interlocução entre a Psicanálise, como exercício da Linguagem que fundamenta a subjetividade, e a ND traz diversas questões que se situam no limiar entre as temáticas específicas de cada campo, tais como: danos no cérebro se apresentariam como contextos favoráveis à atenuação dos processos de censura e de recalque? Processos cognitivos seriam necessários ao funcionamento dos processos secundários? Através de quais mecanismos? As respostas a estas perguntas são difíceis e merecem ser desdobradas em pesquisas interdisciplinares que permitam entender melhor as relações entre os mecanismos cerebrais, os processos cognitivos e a emergência do inconsciente.

A metodologia utilizada para a realização dessa pesquisa consiste na leitura e análise da obra *A Interpretação das Afasias*, bem como de diversas outras obras dos principais autores que abordaram esta temática, tais como Jakobson e Luria, juntamente com o acompanhamento semanal do sujeito estudado. Serão estudadas também obras fundamentais relacionadas à estrutura e o funcionamento do cérebro, tais como *Conhecendo o Cérebro*, de Luciano Meccacci, e *O Erro de Descartes*, de Antônio Damásio, entre outras, ainda não determinadas. Concomitantemente, está sendo realizado um estudo rigoroso acerca da teoria psicanalítica freudiana, sobretudo das obras relacionadas mais diretamente a questões de alterações de linguagem, como *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. É relevante ressaltar que a abordagem utilizada na realização deste estudo se dá no âmbito da ND, a qual considera fortemente os processos de significação e subjetivação dos pacientes/sujeitos, instituindo um novo olhar para os casos de sujeitos com alterações neurológicas com impacto na linguagem. Como afirma Zaniboni (2007):

Nessa proposta, não há a negação das questões orgânicas envolvidas com o funcionamento da linguagem do cérebro lesado. A diferença é que, além dessas questões, preocupa-se, também, com os processos lingüísticos e psíquicos desses sujeitos, levando-se em consideração os múltiplos aspectos que os configuram como um ser único, tais como sua cultura, sua história, suas crenças e seus valores. (Zaniboni, 2007, p. 14)

O sujeito analisado (WW), do sexo masculino, tem 47 anos e sofreu um acidente vascular cerebral há três anos. Seu atendimento individual vem sendo realizado desde o mês de agosto de 2009, em sessões semanais de 30 minutos de duração. Em seguida, ele participa das reuniões coletivas do Grupo II do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/Unicamp).

A partir do seguimento longitudinal de WW e das atividades desenvolvidas com ele, algumas hipóteses acerca de sua *afasia verbal* já puderam ser levantadas. Foi percebida uma dificuldade de natureza motora e acústica que afeta a seleção de sons para formar palavras e

de palavras que se relacionam com outras palavras no *continuum* da fala. Já foi possível observar também que as palavras carregadas de sentido e afeto para o sujeito, como o nome de familiares e situações importantes de sua vida são produzidas e até mesmo escritas com mais facilidade, o que corrobora a tese inicial de que as categorias psicológicas, psicanalíticas e sociais são fundamentais para a compreensão dos fenômenos cerebrais, sobretudo no estado patológico.

REFERÊNCIAS

DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes – Emoção, Razão e o Cérebro Humano**. São Paulo, Companhia das Letras: 1996.

FREUD, Sigmund. **A interpretação das afasias**. Lisboa, Edições 70: 2003.

MECACCI, Luciano. **Conhecendo o Cérebro**. São Paulo, Nobel: 1987.

ZANIBONI, L. F. **A contribuição da Neurolingüística Discursiva para a Fonoaudiologia na construção de um novo olhar sobre a linguagem de sujeitos cérebro-lesados**. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, 2007.